

NÚMERO 1

30 MAIO 1974

A FORÇA OPERÁRIA



journal de operários de lanifícios e têxteis

OPERÁRIOS FALAM DO CONSORCIO

O Consórcio Laneiro de Portugal, é uma fábrica de lanifícios que é administrada por alguns senhores que têm conseguido levar a fábrica à falência. Dentro desta fábrica havia um bar, que servia sandes e bebidas para os trabalhadores.

Acontecia que se compravam as coisas mais caras do que em qualquer outro estabelecimento.

Alguns colegas reuniram-se com a administração, por vários assuntos; entre eles foi posto o problema do bar, sendo-lhes dito que se estavam a encher com o bar, o que efectivamente até acontecia. Eles, furiosos por serem desmascarados, fecharam-no. Esta foi mais uma regalia que foi cortada aos trabalhadores.

Quase todos os meses, havia reuniões com certos senhores, à roda das 50 a 70 pessoas, quando não eram mais. Nesses dias havia grandes almoços onde apa-

recia tudo do melhor. Os trabalhadores desconheciam completamente essas pessoas, pois quem participava nessas reuniões era apenas a administração.

Nesta fábrica existe uma cota de 3\$00 semanais paga por todos os operários que é para o Grupo Cultural e Recreativo do Consórcio Laneiro. Dizem eles que este dinheiro é para o cabaz do Natal, o que é uma roubalheira, e para o infantário. Dizem também que foi com ele que compraram todos os utensílios que existem no refeitório, como por exemplo, fogões, frigoríficos, máquina de café, televisão, etc.

Nós sentimos que somos explorados descaradamente, pois que além da quota, ainda pagamos 13\$00 pelo almoço, que conta, apenas, da sopa, segundo prato e duas carcaças. No entanto há pessoas que trabalham na firma que comem melhor do que nós e não pagam nada. Nos últimos

tempos têm-se registado alguns roubos como por exemplo o da televisão, de bebidas e de outros produtos alimentares. Estes roubos acontecem com frequência. Nós trabalhadores pensámos: como é que as coisas desapareceram se as portas nem sequer foram forçadas, nem se notavam quaisquer distúrbios? Não acreditamos nos ladrões da rua!

Há cerca de um ano fecharam uma secção e despediram todo o pessoal que nela trabalhava, tendo que dar indemnizações a todos esses trabalhadores (cerca de 70). Diziam eles que a fábrica ia fechar. As máquinas dessa secção já saíram mas as outras secções continuam a trabalhar e com bastante trabalho. Ao despedirem estas pessoas foi apenas para arranjar dinheiro para tapar algumas das trafalhices que eles tinham. Quem se freu com tudo isto foram os trabalhadores: encheram o bolso a dois ou três e agora estão desempregados. Estes trabalhadores exigem que a fábrica continue a trabalhar, que as máquinas voltem para a secção e que sejam readmitidos. A fábrica tem de continuar, mas não com esta administração.

A LUTA NOS LANIFÍCIOS

MANUEL LOPES HENRIQUES

Durante 12 dias os trabalhadores desta fábrica, à semelhança de outras dos Lanifícios, estiveram em greve, exigindo um aumento geral de 1.000\$00, exigência esta que o patrão não satisfiz no prazo que lhe tinha sido dado.

De um modo geral os trabalhadores cumpriram os horários de trabalho, aproveitando alguns deles o tempo disponível para reuniões de esclarecimento, leituras colectivas e informações sobre lutas noutras fábricas.

Mas, mesmo assim, notou-se que muita gente, em vez de ir debater os seus casos junto dos colegas, ficava em casa, não aparecia nas oficinas. Isto não está certo, as greves são para se comparecer como se estivéssemos a trabalhar. A greve tem de ser compreendida. Todos nós trabalhadores, no tempo de greve devemos mesmo aproveitar para discutir os problemas que nos afectam.

Logo nos primeiros dias de greve, o patrão fez-nos uma proposta oferecendo-nos 650\$00 que nós rejeitámos, gritando-lhe que queríamos 1.000\$00 e nem menos um tostão. A revolta por não

nos satisfizerem as nossas necessidades dava-nos força e união para continuarmos até onde fosse necessário.

Como começasse a haver falta de dinheiro, puseram-se cartazes às portas da fábrica explicando a nossa luta. Muitos carros paravam contribuindo com algum dinheiro, assim como os trabalhadores das fábricas mais próximas nos ajudaram.

Finalmente a nossa reivindicação foi satisfeita. Depois do discurso do patrão, todos gritámos junto dele: "os operários unidos jamais serão vencidos" e "vitória". Tiraram-se os cartazes e foi posto um V em cravos na porta, símbolo da vitória. Em seguida juntámo-nos e fizemos uma manifestação passando pelas fábricas que ainda não tinham visto satisfeitas as suas reivindicações, onde todos os camaradas nos receberam com lágrimas nos olhos.

FÁBRICA BARROS

Na fábrica Barros, após 12 dias de luta, conseguiu-se enfim a nossa reivindicação de mil escudos.

Passou-se o seguinte: nos primeiros dias de greve não se viu nenhum dos patrões; fomos nós mais tarde, falar com eles, ex-

pondo-lhes o nosso caso, que eles já estavam fartos de saber.

Passados dias, mandaram chamar os delegados sindicais e fizeram a proposta de 500 escudos de aumento, mas os operários não aceitaram, exigindo sempre os mil escudos e exigindo também que os patrões viessem falar com eles. Um dos patrões resolveu-se afinal a falar com os trabalhadores. Reunimo-nos todos no refeitório, ouvindo então as propostas dele, que falou em tudo menos nos 1000 escudos. Referiu-se aos prejuízos que tinha, esquecendo os lucros que os operários lhe davam e continuam a dar, dizendo também que a fábrica podia dar o aumento, mas só quando os outros capitalistas dessem, para que estes não lhe chamassem bufo.

Na semana seguinte, após a reunião na Covilhã foi-nos feita a proposta que lá tinham aceiteado: 800\$00 para os aprendizes e 1000\$00 para os profissionais.

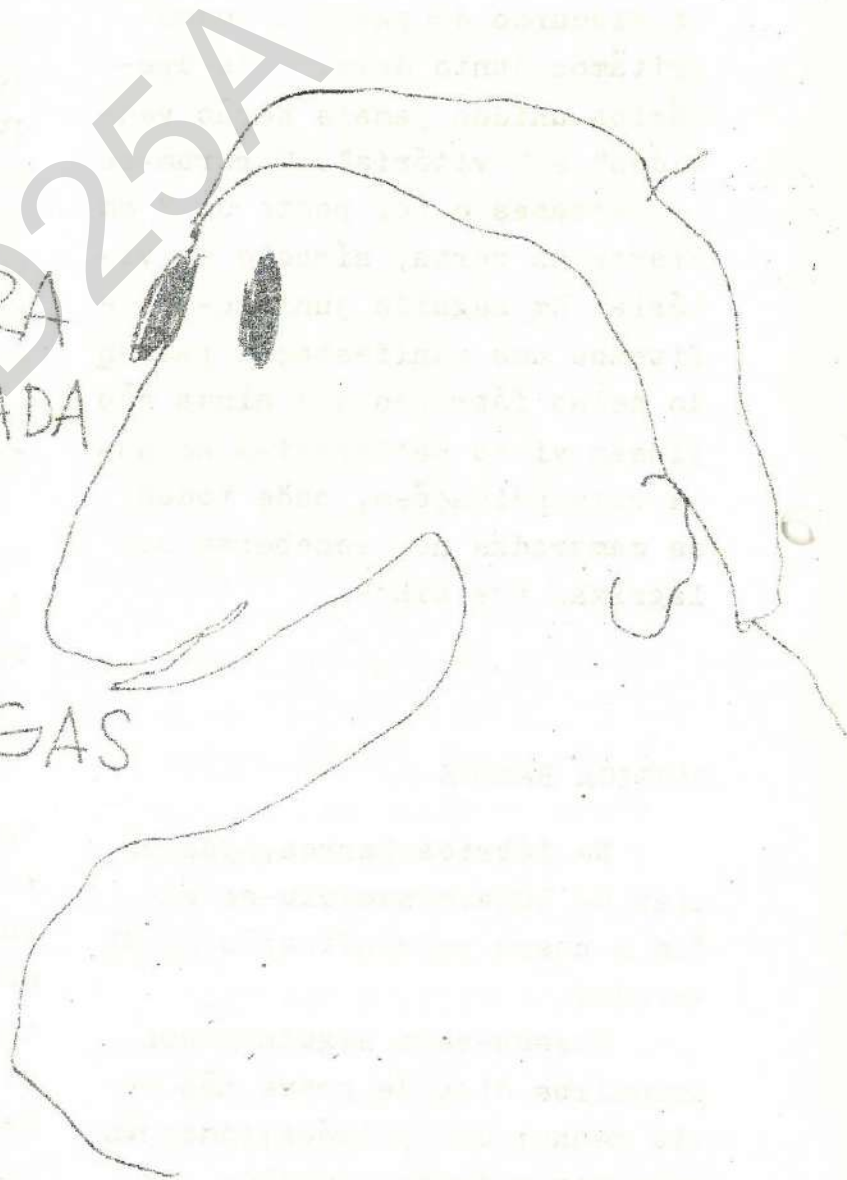
Na segunda feira, os patrões falaram com os operários, oferecendo desta vez 1000\$00 para todos, desde o momento em que começassem a trabalhar, o que foi recusado. Os trabalhadores exigiam que fossem pagas as duas semanas de greve. O patrão disse que não podia ser, que quem

tinha o dever de pagar a greve eram os sindicatos .

Finalmente, o engenheiro disse que quem tivesse de acordo com a proposta dele saísse para o jardim. Saíram os encarregados e alguns operários, entre os quais aqueles a quem o patrão paga a renda de casa. A grande maioria dos trabalhadores ficou no refeitório, exigindo sempre o mesmo. O patrão, vendo que

não nos conseguia convencer, foi-se embora. Mais tarde, ao ir uma comissão falar com ele, o patrão disse que nos dava o aumento dos 1000\$00 a partir desse dia , mais 150\$00, não nos tirava o prémio de produção nem o subsídio de Natal e que as faltas não contavam para as férias. Como a maioria dos trabalhadores concordou, regressamos ao trabalho.

COLABORA
NO JORNAL PARA
QUE ELE SEJA CADA
VEZ MELHOR.
DÁ A CONHECER
A TODOS OS COLEGAS
O QUE SE PASSA
NO TEU LOCAL
DE TRABALHO!



A GREVE

Nos países capitalistas, como o nosso, todas as riquezas são propriedade de uma minoria de indivíduos.

Eles possuem as fábricas e as máquinas que são já o resultado do nosso trabalho. Possuem também os campos.

Com o nosso esforço físico e a nossa inteligência produzimos todos os bens que são necessários à sobrevivência de toda a sociedade. Mas tudo o que é fruto do nosso trabalho permanece nas mãos dos patrões capitalistas.

Para que possamos comer, vestir, ter uma habitação e algumas distrações é necessário dar em troca o que possuímos. É o que é que nós possuímos que possa ser trocado pelos alimentos, casas, etc., que estão nas mãos desses senhores.

Só uma coisa: a nossa força de trabalho, a nossa capacidade de trabalho!

Todos os dias vendemos essa nossa força de trabalho nas fábricas e nos campos para que no dia seguinte possamos comer e gastar as forças para continuar a vendê-la.

Quando percebemos que as condições de trabalho se nos tornam insuportáveis, e o preço do nosso esforço não chega para nos tirar da miséria, levantamos as nossas vozes e dizemos, NÃO!

Não aos salários de fome!

Não às longas e duras jornadas de trabalho!

Não às péssimas condições de higiene e segurança!

Não aos bufos que vigiam os nossos movimentos!

Não aos despedimentos!

A greve é o nosso "Não" mais profundo.

A greve, como acção colectiva contra o patronato, mostra bem a oposição de interesses entre trabalhadores e capitalistas. Ela permite que os trabalhadores se reúnam em volta de objectivos comuns e quebrem o isolamento em que se encontram de secção para secção e mesmo dentro de cada secção. Através desta unidade os trabalhadores põem em causa o poder dos patrões.

Através deste ataque ao poder da burguesia exploradora, os trabalhadores conseguem impôr os seus interesses imediatos tais como melhoria de salários, melhores condições de trabalho, etc.

Até mesmo tempo, vamos progressivamente percebendo que a satisfação total dos nossos interesses de classe explorada, só será conseguida com uma modificação

profunda da sociedade.

Ao mesmo tempo vamos desenvolver a nossa capacidade de organização com a qual arrancamos o poder aos exploradores e construiremos uma sociedade em que seremos nós, os produtores, a decidir dos nossos destinos.

A luta que nós, operários dos lanifícios e têxteis, estamos a travar, faz parte da luta geral de todos os trabalhadores para acabar com a exploração capitalista.

No entanto, tem particularidades que resultam de vários factores. Por exemplo, sabemos que muitos de nós viemos do campo onde o trabalho de cada um é feito muito isoladamente dos outros. Isso conduz a que nas fábricas ainda sejamos um tanto ou quanto individualistas.

Repare-se que embora todos nós estejamos unidos em relação ao objectivo básico da luta -- 1000\$00 de aumento -- tivemos muitas dificuldades no tempo de greve para nos juntarmos nas fábricas e falarmos dos nossos problemas. Não conseguimos, por exemplo, decidir com clareza se deveríamos ou não impor aos nossos patrões que nos pagassem os dias em que estivemos parados. Isso é o resultado de não nos termos organizado convenientemente.

A recente greve começou no dia 13 de Maio na maioria das fábricas, com uma miséria de reivindicação de 1000\$00. E disse-se uma miséria porque a indústria dos lanifícios foi a que menos exigiu. Este é mais um dos aspectos que nos distingue dos outros sectores. Somos os trabalhadores mais mal pagos e mais explorados do nosso país. Por isso nos agarrámos aos mil escudos, não tendo em atenção se o salário mínimo que daí viria nos daria a possibilidade de fazer face ao aumento do custo de vida. Por outro lado, como o aumento que se pede é zero não conseguimos reduzir o número de escalões de salários que os capitalistas utilizam para nos pôr uns contra os outros.

Através do Sindicato conseguiu-se que a luta se estendesse a todo o país. Esse é um aspecto muito importante porque a luta dos operários é INTERNACIONAL, e ela existe em toda a parte onde existe exploração.

Nós não devemos lutar isolados. É necessário que informemos e nos mantenhamos informados de todas as lutas dos trabalhadores.

O apoio em dinheiro que muitos camaradas nos têm dado é acima de tudo, um apoio à justiça da nossa luta. Mas essa

apoio só foi possível, quando ultrapassámos os muros da fábrica, e viemos para a rua dar a conhecer os motivos da greve.

As manifestações de rua, como aquela que alguns de nós realizámos no dia 25 de Maio, pelas ruas de Moscavide, gritando "Abaixo a Exploração Capitalista" e "Na Fábrica, no Campo, o Povo Vencerá!", terão que acompanhar de futuro todas as nossas lutas, desde o seu início.

Desde já fazemos um apelo a todos os camaradas que obtiveram o aumento pedido, no sentido de apoiarem os operários das empresas, onde essa existência ainda não foi satisfeita.

SÓ UNIDOS OS OPERÁRIOS
VENCERÃO!

POEMA

Eu vou-vos contar
uma história,
que não é do Chico
nem da Glória,
mas sim da roubalheira
que se dá a toda a hora !

Levanta-te da cama,
vai trabalhar !
Segura o bico
para o patrão a mamar.

Entra, não olhes.
Não podes fumar !
Fois está alguém,
que te está a guardar.

Já começou !
8 horas está a dar.
Põe-te ao serviço,
não podes parar ...

Entra o patrão,
a volta vai dar.
Chama o encarregado :
"Não vês aquele a olhar ?
aperta com ele,
que aumento te vou dar;
se não cumpres com a ordem,
pocho-te a andar."

E o encarregado
dá uma ordem
por mais um tostão.

A promessa não se cumpre,
e ao fim do mês
choraminga então:
"Para que é que eu roubo
para este patrão ?"

LUTA NA MESSA

Os mil e oitocentos trabalhadores da fábrica MESSA de Mem Martins encontram-se em luta desde o dia 15 de Maio para a conquista de melhores condições de vida e de trabalho.

Por os administradores da empresa de máquinas de escrever MESSA não terem aceiteado duas das muitas exigências dos operários (6 contos de salário mínimo e afastamento dos 5 responsáveis pelas más condições de trabalho dentro da fábrica) estes, decidem-se pela greve ocupando noite e dia todas as instalações da fábrica.

Formaram uma comissão operária e montam imediatamente um aparelho de controle das instalações fabris, reforçando a comissão, distribuindo tarefas de encaminhamento, contactos sindicais, transportes, recepção, fiscalização de entradas, segurança, fundos e mantendo em funcionamento a cantina e a creche para os filhos dos operários, que agora está aberta durante 24 horas por dia.

Estava-se a pôr tudo isto de pé, para a resistência, quando chegam os militares de Queluz que, por pedido da administração vinham combater aqueles que estavam a prender os operários a-

trás dos portões. Como isto não era senão um boato lançado pelos patrões e, pelo contrário, os operários estavam firmes e unidos na sua luta, os soldados espalharam-se pelo recinto fabril e confraternizaram com os operários até às quatro da madrugada.

No dia 19 saiu o primeiro número do " Jornal do Trabalhador da Messa " com notícias de greves em outras fábricas, entrevistas com grevistas, anúncios de filmes e poemas. O segundo nº do Jornal sai com um editorial em que se lê : " Que a nossa luta só tem verdadeiro significado se tiver como objectivo máximo a Emancipação dos Povos Trabalhadores de todo o mundo".

A luta destes camaradas é uma grande vitória para a classe operária, por isso um grupo de operários dos Lanifícios dirigiu-se à MESSA e lá viu a firmeza, a unidade e o entusiasmo transbordante da unidade operária que constitui na fábrica, para a defesa dos seus interesses, o seu próprio poder.

Porque neste 1º número do nosso Jornal não há espaço, será publicado no próximo número a conversa que nós tivemos com os camaradas da MESSA.

Operários unidos jamais
serão vencidos!

A LUTA DOS TRABALHADORES NAS COLÓNIAS

Após o 25 de Abril, os trabalhadores das colónias portuguesas de África intensificaram os seus esforços pela conquista de melhores condições de vida.

Na Guiné-Bissau, Cabo Verde, em Angola e em Moçambique, centenas de milhares de operários e camponeses têm estado em greve e têm-se manifestado nas ruas.

Aqui em Portugal, tem sido possível organizarmo-nos e manifestarmo-nos sem que venha sobre nós qualquer repressão directa. Mas nas colónias a violência continua a cair sobre os trabalhadores, tentando atemorizá-los e fazê-los desistir da sua justa luta.

A 4 de Maio, o "Século", contava que na povoação de Beilém (Guiné) se verificaram 3 mortos e 6 feridos em resultado de bombardeamentos da aviação portuguesa, os quais causaram também a morte de 2 crianças na aldeia de Canhamina.

Segundo a "Capital" de 6 de Maio, um encarregado dos Serviços Municipalizados da Beira (Moçambique) atingiu a tiro, ferindo-o gravemente na cabeça, um trabalhador que se encontrava à frente dos mil funcionários gre-

vistas da Câmara (em luta contra o salário miserável de 35\$00 diários).

Contam o "Diário Popular" do dia 14 e o "Século" do dia 15 que, por ocasião da greve dos 3000 operários de uma fábrica de têxteis de Vila Pery (Moçambique), um guarda branco também atingiu a tiro um dos trabalhadores. Para conter a justa revolta dos operários, vieram dois carros de assalto da tropa portuguesa que os dispersaram brutalmente. No mesmo dia, forças de polícia de choque invadiram pela calada os bairros de Chingangara e de Inhamedime, na cidade da Beira.

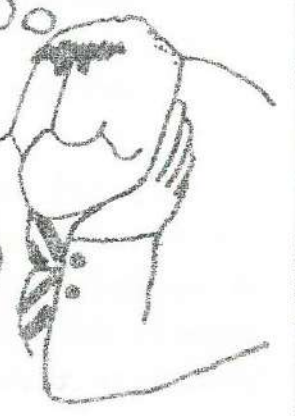
O "Século" do passado 25 de Maio, dá conta de vários confrontos entre a Polícia Militar e a população dos ilhéus de Cabo Verde, que originaram, pelo menos, um morto e oito feridos entre os cabo-verdeanos.

Como último exemplo do que está a acontecer aos nossos irmãos das colónias, vejamos o que é relatado pelo "Diário de Lisboa" do passado dia 25 : 6 mortos e 11 feridos entre a população de Bissau, Bafatá, Bolama e Nova Lamego, em consequência de "vários distúrbios".

O PESSOAL
começo a mexer-se
Se não me ponho
a pau estou
traçado



Enquanto estiverem
isolados posso domi-
n-los como cordeirinhos. Mas se eles
se unem e ganham
força não há
quem os trave



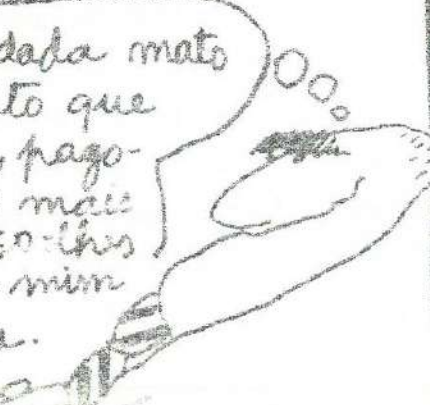
ISTO ESTÁ
BICUDO



JÁ SEI!
Com papas e bolos
se enganam os
Idos. Ofereço
luta e
meia de au-
mento e amea-
ço fechar a fá-
brica que eles até
se mijam



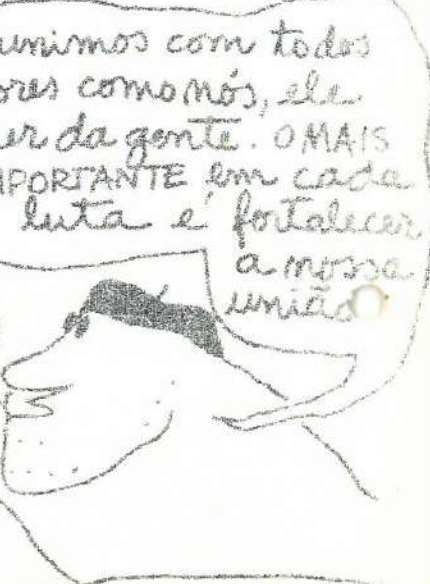
Com uma cajadada mata
3 coelhos: evito que
eles se unam, pago-
lhes aumentos mais
... faço-lhes
crer que sem mim
não são nada.



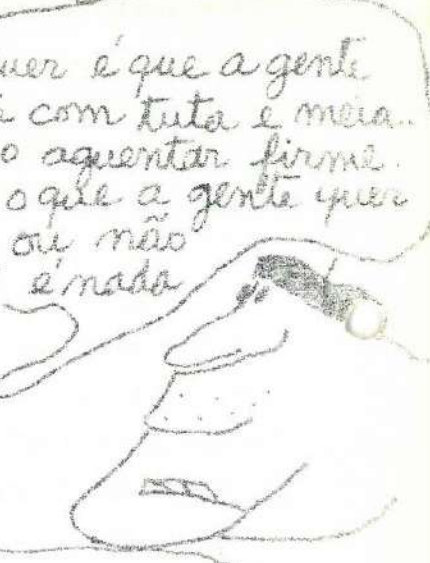
O PRINCIPAL é não
nos deixarmos
levar



SE não nos unirmos com todos
os trabalhadores como nós, ele
faz o que quer da gente. O MAIS
IMPORTANTE em cada
luta é fortalecer
a nossa
união



O que ele quer é que a gente
se contente com tuta e meia.
É preciso aguentar firme.
Ou é o que a gente quer
ou não
é nada



E se ele quiser
fechar a fábrica, pior para
ele. A gente agarra no traba-
lho e vamos fazê-lo por
nossa conta que
ele até se
mija

